

Sarney diz que Governo



Brasília — O Presidente José Sarney, em pronunciamento transmitido por cadeia nacional de rádio e televisão, disse que o Governo tem "dívida para com os que trabalham", mas considera que tem "dívida ainda maior com os desempregados, privados de qualquer salário e da dignidade humana". Prometeu adotar "uma política que possibilite a criação de novos empregos."

Sarney afirmou que a eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República resultou de uma "milagrosa conjunção de vontades e sentimentos" e permitiu "a abertura de um rumo comum para a conciliação da família brasileira". Ressaltou que o legado de Tancredo representa "uma conciliação e esperança que não podem ser fraudadas."

O discurso

"Nesta data, véspera de primeiro de maio, dia símbolo do trabalho, afirmo à nação que somente um esforço conjugado entre povo e Governo poderá vencer os grandes desafios que enfrentamos. As circunstâncias associaram a urgência à necessidade, para tornar mais dramático o quadro de problemas em que nos movemos.

"Meu trabalho terá de ser sempre parte do trabalho geral com que haveremos de fundar o verdadeiro poder de transformação deste país e de nossa sociedade. É desse modo que entendo a milagrosa conjunção de vontades e de sentimentos que marcou, sob a enorme e generosa liderança de Tancredo Neves, a abertura de um rumo comum para a conciliação da família brasileira.

"Uma conciliação e esperança que não podem ser fraudadas.

"Acabo de assinar o decreto dobrando o valor do salário mínimo. É o início de uma política de reposição gradativa de perdas sala-

riais. É o resgate de uma dívida que não pode ser paga de uma vez só. Terá de ser em etapas, de modo a não permitir uma explosão inflacionária, o que seria uma burla das nossas intenções. Nada mais confiscatório, mais corrosivo do salário do trabalhador do que a inflação. Assim, não se veja nos índices agora fixados um abandono desse objetivo, mas uma posição coerente em favor dos pobres.

"Igual tratamento para todas as categorias salariais tornaria inviável uma política em favor dos que mais precisam, dos que passam fome, dos que convivem com a miséria, com a necessidade.

"O combate à pobreza exige dar prioridade aos mais pobres, isto é, aos que ganham apenas salário mínimo.

"Muitas são as nossas dívidas. Nenhuma maior do que a dívida do país com o seu povo. Dívida para com os que trabalham, dívida maior ainda com os desempregados, privados de qualquer salário e da dignidade humana. Seguirei uma política que ofereça trabalho para os que não trabalham. Uma política que possibilite a criação de novos empregos.

"Uma sociedade democrática, pluralista e aberta tem suas energias criativas na convivência, na liberdade. Capital e trabalho juntos na construção de melhores condições de vida.

"Assim, não se pode conceber nem tolerar que as relações de trabalho sejam marcadas pela violência. A violência mancha e conspurca a reivindicação justa. É igualmente inaceitável quando exercida pelo poder público.

"A negociação, neste Dia do Trabalho, seja o caminho dos conflitos salariais. O progresso não é obra de ninguém isoladamente. É obra de todos. Ele começa dentro de cada um de nós. É para essa visão conjunta que eu concito a nação neste dia.

"O Presidente se compromete a ser o trabalhador indormido, severo, simples, disposto a todos os sacrifícios, na defesa do país e da soberania nacional."

Sarney anuncia o novo mínimo, página 15 -

Presidente hesita e sobe a rampa

Brasília — Depois da execução do Hino Nacional, às 8h45min, o Presidente José Sarney, visivelmente contraído, hesitou antes de dar o primeiro passo. A seu lado, o chefe do Gabinete Militar, Bayma Denys, agiu rápido e, indicou com a mão que era chegado o momento.

Ladeado por Denys e pelo chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castello Branco, Sarney transformou-se assim no primeiro Presidente civil a subir a rampa do Palácio do Planalto, nos últimos 21 anos.

Antes de subir, Sarney acenou para os jornalistas e, no alto da rampa, cumprimentou os funcionários dos Gabinetes Civil e Militar, além do Secretário para Assuntos Especiais, Mauro Salles, que no dia anterior pedira demissão. À tarde, Sarney não desceu a rampa do palácio, e seus assessores informam que esse protocolo será abolido. Ficará apenas a subida, nas terças-feiras.

A cerimônia, criada após o golpe de 1964, sofreu várias modificações. O primeiro Presidente militar subia e descia a rampa todos os dias. Os Presidentes Emílio Garrastazu Médici e Costa e Silva não deram atenção a esse protocolo, enquanto o Presidente Ernesto Geisel estabeleceu a rotina de subir e descer a rampa todas as terças e quintas-feiras. O Presidente João Figueiredo limitou-se a fazê-lo às terças-feiras.

Transformada em atração turística de Brasília, a cerimônia, de que participa a banda dos Dragões da Independência, batalhão que se perfila na ocasião na rampa, ficará limitada agora às terças-feiras porque Sarney pretende sair do palácio ao anoitecer. A Bandeira Nacional não pode ser arriada depois do pôr-do-sol e ele prevê que terá de sair do palácio, muitas vezes, no meio da noite.

tem dívida com quem trabalha

Política

quarta-feira, 1º/5/85 □ 1º caderno □ 3